

Obras de AGATHA CHRISTIE

POIROT SALVA O CRIMINOSO

edição LIVROS DO BRASIL Lisboa

Tradução de E ALMEIDA LIMA

Capa de ANTÓNIO PEDRO

Título da edição original SAD CYPRESS

Copyright 1929/1940 by Agatha Christie Mailowan

Reservados todos os direitos pela legislação em vigor

VENDA INTERDITA NA REPOBLICA FEDERATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

PRÓLOGO

Elinor Katharine Carlisle. comparece perante este tribunal acusada de ter morto Mary Gerrard no dia 27 de Julho passado. Confessa-se culpada ou não.»

Elinor Carlisle estava de pé, muito direita, a cabeça levantada. Era uma cabeça graciosa, de contornos finos e bem definidos. Os olhos eram de um azul intenso, o cabelo preto. As sobrancelhas tinham sido reduzidas a uma linha leve e fina.

Houve um silêncio - um silêncio bastante marcado.

Sir Edwin Bulmer, advogado de defesa, sentiu receio, e pensou: «Meu Deus, vai confessar-se culpada... Perdeu a coragem. . .» Elinor Carlisle, entreabrindo a boca, disse: «Estou inocente.» O advogado de defesa recostou-se para trás. Passou um lenço pela testa, e pensou que fora por um triz... Sir Samuel Attenbury estava de pé, expondo o caso ao tribunal.

«Ex.mo Sr. Dr. Juiz, srs. jurados, no dia 27 de Julho, às três e meia da tarde, Mary Gerrard morreu em Hunterbury, Maidensford...» A voz continuou, sonora e agradável de ouvir. Embalava Elinor a ponto de quase perder consciência. Da narrativa simples e concisa só uma ou outra frase penetrava no seu consciente.

...Caso particularmente simples e claro...

«...Compete a este tribunal... esclarecer o motivo e a oportunidade. . .

«...Ninguém, ao que parece, tinha motivo algum para matar a infeliz Mary Gerrard, senão a acusada. Era uma rapariga com um excelente feitio, de quem todos gostavam e sem ter, por assim dizer, qualquer inimigo...» Mary, Mary Gerrard! Que longínquo e irreal tudo parecia agora. . .

«..Chama-se a vossa atenção especialmente para os seguintes pontos:

1. Que oportunidades e meios tinha a acusada de administrar o veneno?

2. Que motivo tinha para o fazer?

«...Compete-me trazer perante vós testemunhas que vos possam ajudar a chegar a uma conclusão verdadeira sobre estas questões...

«...Quanto ao envenenamento de Mary Gerrard, tentarei mostrar-vos que ninguém tinha oportunidade de cometer este crime senão a acusada...»

Elinor sentia-se como que envolvida num denso nevoeiro.

Palavras soltas rompiam essa bruma.

«. . .Sanduíches. . .

«...Conservas de peixe...

«...Casa vazia...»

As palavras atravessavam a espessa cortina que envolvia os pensamentos de Elinor - qual picadas de alfinete através de um véu pesado que a isolava...

O tribunal. Rostos. Filas e filas de rostos! Certo rosto com um grande bigode preto e olhos espertos. Hercule Poirot, de olhar pensativo, cabeça inclinada um pouco para o lado, observava-a.

Ela pensou: está a tentar compreender qual a verdadeira razão por que fiz aquilo... Está a tentar penetrar no meu espírito para compreender o que pensei - o que senti...

O que senti... ? Uma nuvem toldou-lhe a vista e teve uma leve e desagradável sensação de choque... O rosto de Roddy - o rosto querido, com o seu nariz afilado e a boca revelando sensibilidade... Roddy! Sempre Roddy - lembrava-se dele desde pequena... desde aqueles tempos em Hunterbury por entre as framboesas, ou no parque, ou lá em baixo próximo do regato. Roddy--Roddy--Roddy...

Outros rostos! A enfermeira O'Brien, a boca ligeiramente aberta, o rosto fresco e sardento muito espetado. A enfermeira Hopkins de aspecto impecável - impecável e implacável.

O rosto de Peter Lord Peter Lord - tão amável, tão simpático tão - tão reconfortante! Mas parecendo agora - o quê? - aflito? Sim, era isso - aflito ! Preocupado - terrivelmente preocupado com tudo aquilo! Enquanto ela própria, a figura central não se preocupava nada! Ei-la, bastante calma e indiferente, perante um tribunal, acusada de assassinio. Qualquer coisa se moveu; a cortina que lhe envolvia o cérebro tornou-se mais leve, mais transparente. No tribunal!...

Muita gente...

Gente inclinada para a frente, a boca um pouco entreaberta,

os olhos cheios de curiosidade, fixos nela, Elinor, com uma satisfação de vampiros, ouvindo, com uma espécie de prazer lento e cruel, o que aquele homem alto com nariz de judeu dizia a respeito dela.

«Os factos, neste caso, são extremamente fáceis de seguir e não estão em discussão. Vou apresentá-los de uma maneira simples. Começando pelo início...» Elinor pensou:

«O início... O início? Foi no dia em que veio aquela horrível carta anónima! Sim, foi esse o início...»

PRIMEIRA PARTE

I

Uma carta anónima! Elinor Carlisle, com ela na mão, ficou a olhá-la. nunca tinha recebido nenhuma Causava-lhe uma sensação desagradável. Era uma carta mal escrita, com erros ortográficos e num papel barato cor-de-rosa. Dizia o seguinte:

Tem esta o fim da avisar. ;Não digo nomes mas há uma pessoa que anda muito de roda da sua tia e se não tem cuidado fica sem nada.

As raparigas novas são muito sabidas e as senhoras de idade ficam muito derretidas quando uma pessoa nova as amima e lhes diz coisas bonitas. No meu entender devia vir cá ver com os seus olhos o que se passa não é justo que tirem o que é da senhora e do outro senhor 6 ela é muito sabida e a boa senhora pode murrer dum mumento pra outro.

Uma pessoa que lhe quer Bem.

Elinor, estava ainda de olhos fixos nesta missiva, com as sobrancelhas franzidas numa expressão de desagrado, quando a porta se abriu e a criada anunciou: «O sr. Welman».

Roddy entrou.

Roddy! Como sempre que via Roddy, Elinor sentiu uma sensação de ligeira tontura, uma vibração de súbito prazer, e achou que devia mostrar que possuía um espírito prático e não era susceptível de emoções. Porque era bem evidente que Roddy, apesar de a amar, não sentia por ela o que ela sentia por ele. Vê-lo, produzia-lhe um efeito como se lhe estivessem a oprimir o coração a ponto de quase lhe fazer doer.

Era absurdo que um homem - um homem vulgar, sim, perfeitamente vulgar - conseguisse produzir aquele efeito em alguém! Que o simples facto de olhar para ele fizesse ver tudo à roda, que ouvir a sua voz desse vontade de chorar... O amor devia ser certamente uma emoção agradável, e não tão intensa que se tornasse assim pungente... Uma coisa era

evidente: era preciso ter o cuidado de mostrar que encarava a questão despreocupada e naturalmente. Os homens não gostam de dedicação nem de adoração. E Roddy não gostava com certeza. Ela disse desprendidamente:

- Olá, Roddy!

- Olá, querida. Estás com ar trágico. Isso é alguma conta? Elinor abanou a cabeça negativamente.

- Pensei que fosse; no Verão, bem sabes, é quando as fadas dançam e as contas lá vêm dançando também. É terrível, horroroso. É uma carta anónima.

Roddy franziu a testa. O seu rosto afilado e tristonho tornou-se duro.

- Não é possível - exclamou com repulsa: Elinor repetiu:

- É terrível, horroroso . . .

Dirigiu-se para a secretária.

- O melhor que há a fazer é rasgá-la, parece-me.

Podia fazer isso - esteve quase a fazer - porque Roddy e cartas anónimas eram incompatíveis. Podia deitá-la fora e não pensar mais nela. Ele não a impediria. O de interesse por tudo estava muito mais fortemente desenvolvido nele do que a curiosidade.

Mas num impulso Elinor resolveu outra coisa e observou:

- No entanto, talvez seja melhor tu lê-la primeiro. Depois queimo-a. É a respeito da tia Laura.

Roddy abriu muito os olhos surpreendido.

- Da tia Laura?

Pegou na carta, leu-a, fez uma expressão de desagrado e tornou a entregá-la.

- Sim, é de queimar, sem dúvida! Há pessoas muito extraordinárias!

- É de uma das criadas, não achas?

- Acho que sim. - Ele hesitou. - Não imagino quem seja a pessoa a que se referem.

- Deve ser Mary Gerrard, julgo eu.

Roddy semicerrou os olhos num esforço de memória.

- Mary Gerrard? Quem é?

- A filha do guarda. Deves lembrar-te dela em criança. A tia Laura sempre gostou muito da garota e tomou interesse por ela. Pagou-lhe os estudos e vários extras, como lições de piano e francês e outras coisas mais.

- Ah, sim, já me lembro dela: uma miudita que era só pernas e braços com uma grande cabeleira loira.

Elinor confirmou.

- Sim, provavelmente nunca mais a viste desde aquelas férias de Verão em que a mãe e o pai foram ao estrangeiro. É verdade que não tens ido a Hunterbury tantas vezes como eu, e ela esteve recentemente na Alemanha, mas nós costumávamos brincar

e fazer troça dela quando éramos pequenos.

- Como está ela agora? - perguntou Roddy.

- Está uma rapariga muito bonita e bem educada. Com aquela educação ninguém dirá que é filha do velho Gerrard.

- Fez-se uma senhora, não?

- É verdade. Acho que por causa disso não vive muito bem em casa do pai. A sr^a Gerrard morreu há alguns anos e Mary e o pai não se dão um com o outro. Ele faz troça dos estudos e das «maneiras finas» dela.

Roddy comentou irritado:

- As pessoas nem sonham o mal que podem fazer em educar alguém! Às vezes é crueldade e não bondade!

- Suponho que ela passa muito tempo lá em casa... Sei que lê para a tia Laura desde que ela teve o ataque.

- Por que não lhe lê a enfermeira? - perguntou Roddy.

Elinor respondeu com um sorriso:

- A enfermeira O Brien tem um sotaque muito marcado! Não me admiro que a tia Laura prefira a Mary.

Roddy passeou rápida e nervosamente de um lado para o outro durante uns minutos.

- Sabes, Elinor, acho que devíamos ir lá.

- Por causa disto? - perguntou Elinor após uma ligeira surpresa.

- Não, não é por causa disso. Ou por outra, sejamos francos, é! Embora essa comunicação seja idiota, pode haver alguma verdade por trás dela. Bem vêes, a pobre senhora está muito doente.

- Sim, Roddy.

Ele olhou para ela com o seu encantador sorriso, admitindo as fraquezas humanas.

- E o dinheiro tem importância para nós Elinor, para ti e para mim.

- Pois tem - concordou ela imediatamente.

Ele continuou com ar sério:

- Não é que eu seja mercenário. Mas aliás a própria tia Laura tem dito e repetido que tu e eu somos os seus únicos parentei. Tu és sobrinha, filha de um irmão, e eu sou sobrinho do marido. Sempre nos deu a entender que por morte dela tudo o que possui ficaria para um de nós ou mais provavelmente ainda para ambos. E é uma soma considerável, Elinor.

- Sim, deve ser - disse Elinor pensativa.

- Manter Hunterbury não é brincadeira. - Fez uma pausa.

- Parece-me que o tio Henry já vivia o que se pode chamar bem, quando encontrou a tua tia Laura. Mas além disso ela era uma herdeira. Ela e o teu pai ficaram bastante prósperos. Foi pena que o teu pai se metesse em negócios e perdesse grande

parte do dinheiro.

Elinor suspirou.

- Coitado do pai, nunca teve jeito para negócios. Andava muito preocupado com tudo antes de morrer.

- Sim, a tua tia Laura teve muito mais cabeça do que ele. Casou-se com o tio Henry e compraram Hunterbury, e disse-me ela uma vez que tinha sido sempre excepcionalmente feliz no emprego de capital. Praticamente nada lhe tinha falhado.

- O tio Henry deixou-lhe tudo quando morreu, não deixou? Roddy confirmou.

- Foi trágico morrer tão cedo. E ela não tornou a casar. Envelheceu fiel. Foi sempre muito boa para nós. Tratou-me como se eu fosse sobrinho dela, pelo sangue. Sempre que estive em apuros ajudou-me, o que, felizmente, não sucedeu muitas vezes! - Para mim tem sido também muitíssimo generosa - disse Elinor com gratidão.

- A tia Laura é boa pessoa. Mas, sabes Elinor, talvez sem querer, tu e eu vivamos bastante extravagantemente, em relação aos meios de que realmente dispomos!

Ela confirmou calmamente:

- Suponho que sim... Tudo custa tão caro! Os fatos, o cabeleireiro, coisas sem importância como cinemas e cocktails e até os discos!

- Querida, tu és um dos lírios do campo, não és? Não trabalhas nem fias!

- Achas que devia, Roddy?

Ele abanou a cabeça negativamente.

- Gosto de ti como és: delicada, distante e irónica. Detestava que tomasses a vida demasiado a sério. Só digo que se não fosse a tia Laura estarias possivelmente trabalhando em qualquer emprego detestável. E o mesmo se passa comigo. O emprego que tenho não me interessa. Estar no Lewis Hume não é muito fatigante. Está mesmo a calhar para mim. Mantenho o respeito por mim próprio tendo um emprego; mas, nota bem, não me preocupo com o futuro por causa das minhas esperanças na tia Laura.

- Parecemos sanguessugas!

- Qual! Foi-nos dado a entender que um dia teríamos dinheiro, e pronto. É claro que esse facto influencia a nossa conduta.

Elinor observou, pensativa:

- A tia Laura nunca nos disse em definitivo e exactamente como deixaria o dinheiro...

- Isso não importa! Provavelmente dividiu-o por nós dois; mas se não for assim, se te deixar todo ou quase todo por seres do seu sangue, eu também o partilharei porque vou casar contigo; e se a boa senhora achar que eu devo ficar com a maior parte, como representante masculino dos Welmans, também

está bem, porque tu vais casar comigo.

É uma sorte gostarmos um do outro. Tu gostas de mim, não gostas, Elinor?

- Gosto - disse ela friamente, num tom quase afectado.

- Gosto! - repetiu Roddy imitando-a. - És adorável, Elinor. Esse teu arzinho distante, impenetrável... Ia Prulccssc Lointaine. Creio que são esses teus atributos que me fazem gostar de ti.

Elinor conteve um suspiro e exclamou:

- Ah, sim?

- Sim. Algumas mulheres são tão. . . não sei. . . tão terrivelmente absorventes .. tão... tão caninamente dedicadas, alardeando os seus sentimentos por toda a parte! Detestava isso. Contigo nunca sei, nunca tenho a certeza: de um momento para o outro voltas as costas com aquele teu modo frio e desprendido e dizes que mudaste de ideias, assim tal qual, friamente, sem pestanejar! És uma criatura fascinante, Elinor.

És como uma obra de arte, tão, tão completa e..

E continuou:

- Sabes, acho que o nosso casamento será um casamento perfeito... Gostamos ambos um do outro, o suficiente sem ser demasiado. Somos bons amigos. Temos muitos gostos em comum. Conhecemo-nos profundamente bem. Temos todas as vantagens de ser primos sem as desvantagens de parentesco de sangue. Nunca me cansarei de ti, porque és versátil. É verdade que podes cansar-te de mim. Sou uma pessoa tão vulgar.

- Nunca me cansarei de ti, Roddy, nunca - disse Elinor.

- Minha querida! - E beijou-a.

- Penso - disse ele ainda - que a tia Laura, lá para si, tem uma ideia do que se passa entre nós, embora não tivéssemos estado com ela desde que assentámos tudo. É uma boa desculpa para irmos lá agora, não é verdade?

- Pois é. Outro dia estive a pensar...

Roddy acabou a frase por ela.

- ...Que não vamos lá tantas vezes como devíamos. Também pensei nisso. Quando ela teve o primeiro ataque iamós lá, semana sim, semana não. E agora deve haver quase dois meses que lá não vamos.

- Se ela nos tivesse chamado tínhamos ido imediatamente - afirmou Elinor.

- Isso é verdade. E sabemos que ela gosta da enfermeira O'Brien e é bem tratada. Contudo, talvez tenhamos sido um pouco descuidados. Agora não estou a falar sob o ponto de vista do dinheiro, mas do mero aspecto humano.

- Compreendo.

- Afinal essa repelente carta fez algum bem! Vamos lá para

proteger os nossos interesses e porque gostamos da boa senhora! Acendeu um fósforo e deitou fogo à carta que tirou da mão de Elinor.

- Fazes ideia de quem a escreveu? - perguntou. - Não é que isso tenha importância... Foi com certeza alguém que estava «do nosso lado» como nós costumávamos dizer quando éramos pequenos. Talvez nos tenham feito um favor. A mãe de Jim Partington foi para a Riviera tratar-se, apaixonou-se pelo médico assistente que era um clínico italiano novo e simpático, e deixou-lhe todo o dinheiro que possuía. Jim e as irmãs tentaram modificar o testamento mas não conseguiram. - A tia Laura gosta do novo médico que foi para o lugar do Dr. Ransome mas não a esse ponto! Aliás aquela horrível carta mencionava uma rapariga. Deve ser Mary. - Vamos até lá ver com os nossos próprios olhos...

II

A enfermeira O'Brien saiu silenciosamente do quarto da sr^a Welman para a casa de banho.

- É só pôr a água a ferver - disse - com certeza sabe-lhe bem uma chávena de chá, antes de se ir embora.

A enfermeira Hopkins exclamou com satisfação:

- Pois sim, filha, a mim sabe-me sempre bem uma chávena de chá. E costume dizer que não há nada que chegue a uma boa chávena de chá, bem forte!

A enfermeira O'Brien enquanto enchia a chaleira e acendia o fogão de gás explicou:

- Tenho tudo aqui neste armário: bule, chávenas e açúcar; e a Edna traz-me leite fresco duas vezes por dia. Não é preciso ficar um tempo sem fim a tocar a campainha. Este fogão de gás é bom; ferve uma chaleira num instante.

A enfermeira O'Brien era uma mulher de trinta anos alta, ruiva, com dentes brancos e brilhantes, o rosto sardento e um sorriso simpático. A sua boa disposição e vitalidade tornavam-na querida dos doentes. A enfermeira Hopkins, enfermeira da localidade, que vinha todas as manhãs ajudar a fazer a cama e a toilette da pesada doente, era uma mulher de meia idade de feições grosseiras com ar eficiente e modos bruscos.

Esta disse, então, elogiando:

- Nesta casa está tudo muito bem feito.

- Pois está - concordou a outra. - Apenas algumas coisas são antiquadas. Por exemplo, não há aquecimento central, embora haja muitos fogões de sala. Quanto às criadas são todas raparigas prestáveis e a sr^a Bishop dirigia-as bem.

- Estas raparigas de agora, não tenho paciência para as

aturar - exclamou a enfermeira Hopkins. - Não sabem o que querem, e não fazem um dia de trabalho que se veja.

- Mary Gerrard é boa rapariga - disse a enfermeira O'Brien. - Realmente não sei o que seria da sr^a Welman sem ela. Nunca a ouviu chamar por ela? Bem, devo dizer, que a rapariga é encantadora e sabe lidar com a senhora.

- Tenho pena de Mary. O pai dela faz tudo para a humilhar.

- Não sabe o que é uma palavra delicada, o diabo do homem. Pronto, a chaleira já está a assobiar. Assim que ferver é só deitar-lhe o chá.

Fez o chá e serviu-o quente e forte. As duas enfermeiras pegaram nas chávenas e foram sentar-se para o quarto da enfermeira O'Brien contíguo ao da sr^a Welman.

- O sr. Welman e Miss Carlisle vêm cá, - informou a enfermeira O'Brien. - Chegou um telegrama esta manhã.

- Agora percebo. Achei que a nossa doente estava entusiasmada com qualquer coisa. Há muito tempo que cá não vem, pois não?

- Estiveram cá há dois meses ou mais. O sr. Welman é tão novo e tão simpático! Mas tem um certo ar orgulhoso.

- Vi o retrato dela no Tatler um dia destes, em Newmarket com uma amiga - disse a enfermeira Hopkins.

- Ela é muito conhecida na sociedade, não é? E anda sempre muito bem vestida. Acha que é realmente bonita?

- É difícil saber como realmente são estas raparigas sem maquilhagem! Na minha opinião não pode sequer comparar-se com a formosura de Mary Gerrard!

A enfermeira O'Brien cerrou os lábios e inclinou a cabeça para um lado.

- Pode ser que tenha razão. Mas à Mary falta-lhe classe! O hábito faz o monge - sentenciou a enfermeira Hopkins.

- Quer outra chávena de chá?

- Pois sim, obrigada.

Com as chávenas fumegantes na mão aproximaram-se um pouco mais uma da outra, e a enfermeira O'Brien disse:

- A noite passada, aconteceu uma coisa estranha. Como é costume entrei no quarto às duas da manhã para colocar a nossa doente numa posição confortável, e ela estava acordada. Mas devia ter estado a sonhar, pois mal entrei disse: «A fotografia. Quero a fotografia». Então eu observei-lhe «Pois sim, sr^a Welman. Mas não prefere esperar pela manhã?» «Não, quero vê-la agora» respondeu-me. Então perguntei: «E onde está essa fotografia? É a do sr. Roderick?» «Roderick? Não, Lewis» disse ela e começou a querer mexer-se. Ajudei-a a soerguer-se, tirou as chaves da caixinha que está ao lado da cama e disse-me que abrisse a segunda gaveta do toucador, e lá estava, realmente uma fotografia grande numa moldura de prata. Era a fotografia de um homem muito interessante e

tinha Lewis escrito a um canto. Era antiga, deve ter sido tirada há muitos anos. Levei-lha, ela agarrou-a e ficou a contemplá-la muito tempo. Murmurava apenas, «Lewis... Lewis»- Depois suspirou, deu-me e mandou-me pô-la no mesmo sítio. E quer crer que quando me voltei outra vez para ela, tinha adormecido suavemente como uma criança?

- Como que era o marido dela? - perguntou a enfermeira Hopkins.

era! Porque esta manhã perguntei casualmente a ela, qual era o primeiro nome do sr. Welman e ela disse-me que era Henry ! As duas trocaram olhares. A enfermeira Hopkins tinha o nariz comprido e a ponta tremeu-lhe um pouco de agradável emoção. Por fim disse pensativamente:

- Lewis... Lewis... Não sei. Não me lembro desse nome aqui por estes sítios.

- Deve ter sido há muitos anos - lembrou a outra.

- Sim, é claro, e eu estou aqui apenas há um par de anos. Não sei.

- Era um homem muito interessante. Parecia ser oficial de cavalaria!

- É muito curioso! - exclamou a enfermeira Hopkins, sorvendo o chá: - Talvez quando eram ambos novos tivessem inclinação um para o outro e um pai cruel os separasse... - conjecturou romanticamente a enfermeira O'Brien.

- Talvez ele tivesse morrido na guerra... - alvitrou a enfermeira Hopkins suspirando profundamente.

III

Quando a enfermeira Hopkins agradavelmente excitada pelo chá e pelas especulações românticas saiu finalmente, Mary Gerrard veio a correr ao encontro dela.

- Posso ir até à vila consigo, sr^a Hopkins?

- Pois pode, minha filha.

- Preciso de lhe falar. Estou tão preocupada com tudo isto - disse Mary Gerrard ofegante.

A outra olhou para ela ternamente.

Com os seus vinte e um anos, Mary Gerrard era uma rapariga encantadora, com um pouco da imaterialidade de uma rosa selvagem: um pescoço longo e delicado, cabelo de um louro pálido, em leves ondas naturais emoldurando-lhe a cabeça, estranhamente modelada, os olhos de um azul intenso.

- Que há? - perguntou a enfermeira Hopkins.

- Há que o tempo passa e eu sem fazer nada.

- Tem muito tempo - exclamou secamente a enfermeira Hopkins.

- Não, mas sinto-me tão, tão pouco segura. A sr^a Welman foi muitíssimo boa, dando-me todos aqueles estudos dispendiosos.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

